

ALR 00214

Centenas de homens ocupam trecho da reserva Avá-Canoeiro em Minaçu à caça de ouro

Garimpeiros invadem área indígena abaixo de usina

Homens devastam mata para instalar acampamentos e usam mercúrio no leito quase seco do Rio Tocantins para extração de ouro

PAULO JOSÉ

Centenas de garimpeiros invadiram nas últimas semanas a reserva indígena Avá-Canoeiro, nos municípios de Minaçu e Colinas, no Norte do Estado. Ali eles estão extraindo ilegalmente ouro do rio Tocantins com a utilização de mercúrio e abrindo clareiras nas matas pa-

ra a construção de acampamentos. A denúncia é do chefe local da Funai, Valter Sanchez, que realizou nos últimos sete dias três inspeções na área, acompanhado de uma equipe do Batalhão de Polícia Florestal (BPF). Nelas, dezenas de garimpeiros foram detidos - e liberados, posteriormente - e tiveram seu material de trabalho apreendido. Além de bateias, enxadas e pás, foram confiscados também mercúrio, pólvora, armas e até cachaça. "A reserva está sendo devastada", diz Sanchez.

Segundo ele, os garimpeiros estão entrando na área com a concordância dos posseiros que moram ali e se instalando em um trecho de

25 quilômetros junto ao Tocantins e abaixo da usina de Serra da Mesa. Sanchez explica que, devido ao fechamento das comportas da hidrelétrica, o leito do rio praticamente desapareceu, o que passou a facilitar a atividade garimpeira. Apesar da Polícia Florestal e da Fundação Estadual do Meio Ambiente de Goiás (Femago) terem interditado várias dragas na região no final do ano passado, Sanchez observa que o controle do garimpo artesanal é bem mais difícil.

Esconderijo

Para se esconderem, diz ele, os garimpeiros estão se alojando nas matas e trabalhando em locais de difícil acesso. Até mesmo as inspe-

ções estão sendo dificultadas, pois a única forma de chegar até estes locais é de barco, mas, com o leito do rio reduzido, as condições de navegação são precárias. "Um percurso que antes nós gastávamos uma hora para percorrer, hoje é feito em no mínimo doze horas", conta. "Em certos trechos, é preciso carregar o barco", acrescenta. Com isso, o trabalho da equipe de inspeção fica completamente prejudicado, pois os garimpeiros conseguem identificar a sua presença com muito tempo de antecedência, devido ao barulho do motor, e se escondem nas matas.

A situação, de acordo com Sanchez, é derivada da "insensibilidade" que a empresa Furnas,

operadora da usina, vem tendo com a depredação da reserva. Apesar de haver um convênio entre a empresa e a Funai, ele diz que apenas os aspectos pessoais do grupo de seis avá-canoeiros estão sendo atendidos. "Por ser a principal causadora de tudo isso, Furnas deveria cuidar do problema, mas não tem sequer contribuído", afirma. A reportagem tentou ouvir a diretoria da empresa, mas ela não se manifestou. Ontem, o diretor técnico da Femago, João José de Sousa Júnior, anunciou que o órgão irá realizar o mais rápido possível uma fiscalização na reserva. "Não podemos permitir estas ações de vandalismo", diz.